

### **39º - O CRENTE E A JUSTIÇA COMUM**

1ª Coríntios 6.1-3 - *“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!”*

Os romanos deram início a um primitivo sistema jurídico baseado nas leis do Estado. Criminosos eram julgados e condenados. Esse antigo sistema influenciou a forma dos julgamentos atuais. Eles deram início ao processo formalmente instaurado, com advogado de defesa substituindo o réu e advogado fazendo a acusação.

Em frente ao tribunal de justiça existe uma estatueta que é o símbolo da justiça. É a figura de uma mulher assentada (pronta para ouvir as acusações) com os olhos vendados (significando que a justiça é cega) e tendo em uma de suas mãos uma balança fiel (mostrando que a justiça não pende para os afortunados). Essa estatueta simboliza o que deveria ser a justiça.

Sabemos que julgamentos e condenações já eram realizados desde o início da história. O próprio Deus foi quem fez o primeiro julgamento. Ele julgou formalmente a Adão e Eva e os condenou, deixando registrada em ata (a Bíblia) a Sua decisão. Deus mostrou a necessidade de que os criminosos sejam punidos para que a criminalidade seja refreada (Jr 5.6b,7,9,29).

Quem nunca precisou da justiça? Causas, mesmo que pequenas são levadas à justiça para que ela julgue e dê o direito a quem tem o direito. Somente quando necessitamos da justiça é que percebemos a importância de um julgamento justo.

Esse estudo tratará do tema: **OS CRENTES E A JUSTIÇA COMUM**.

Ele mostrará a responsabilidade que temos em relação à aplicação da justiça de Deus em nossa vida e na vida de quem está ao nosso redor e questionará a necessidade e a utilidade de nossas causas serem expostas diante de tribunais e juízes não cristãos.

Iniciaremos mostrando que **OS CRENTES NÃO DEVEM SER JULGADOS POR JUÍZES NÃO CRENTES** – *“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos?”*

Temos visto vários políticos envolvidos em falcatruas. Eles cometem crimes e agem de maneira vil e irresponsável como a qualquer outra pessoa, porém a forma de julgamento a que eles são submetidos é muito diferente dos demais cidadãos.

Eles têm fórum privilegiado. Nenhum juiz ou jurado pode julgar o seu caso. Eles são julgados por seus próprios colegas. Se for um deputado, por exemplo, ele terá de ser julgado por outros deputados. A justiça comum só terá acesso ao seu processo ou poderá julgá-los se os seus companheiros caçarem o seu mandato, tirando do amigo o direito especial que possui, somente aí é que ele será julgado fora do plenário.

Por que isso? É porque os deputados foram eleitos para fazer leis. Com o poder nas mãos eles fizeram leis que lhes garantiriam privilégios. É claro que entre ser julgado pelos colegas ou por juízes, é óbvio que eles optaram por serem julgados pelos amigos que tem os mesmos interesses e noutra situação podem precisar de um apoio também. Como dizem: *“Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto”*.

Esse não é um costume somente dos políticos. Os militares também possuem um tribunal militar. Militar julga militar. Quando um militar comete algum crime é montado um jure entre as autoridades militares para julgar o caso. Nesse caso, o julgamento é sempre secreto e as decisões são tomadas de acordo o entendimento e o interesse dos próprios militares. Como acontece entre os deputados, o militar somente é julgado pela justiça comum se as autoridades militares expulsarem o faltoso. Caso contrário, o braço da justiça comum não pode alcançá-lo.

Revoltamo-nos com esta situação. Não é concebível que a justiça fique privada de julgar e condenar um criminoso apenas porque ele faz parte de uma determinada categoria profissional. A justiça deveria ter poder de julgar a todos, indistintamente.

Vimos nesses casos a proteção que os profissionais dão aos seus companheiros. Eles fazem de um tudo para manter o caso abafado. A imprensa é tolhida de sua liberdade de imprensa para impedir que a população conheça o erro de algumas pessoas. Eles fazem o que podem para que ao julgar e condenar, se for o caso, o seu companheiro tenha a sua imagem preservada ou manchada o mínimo possível. Eles sabem que quando um

deputado ou militar é condenado toda a classe política ou militar sofre prejuízos. A confiança que a população deve ter em relação a eles diminui e a sua credibilidade fica comprometida, colocando em dúvida todos os seus discursos. Ao proteger o faltoso eles estão protegendo a si mesmos.

No texto citado vimos algo parecido com o que estamos tratando. Paulo dá a recomendação aos coríntios no sentido de não se exporem ao julgamento da justiça comum. Ele diz: *“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos?”*

Aventura é uma experiência arriscada. Paulo mostra claramente que um crente que tem uma causa contra outro crente e a expõe perante um tribunal composto por um juiz não crente está entrando numa experiência arriscada. É uma aventura. O crente não tem como saber qual será a base onde o juiz incrédulo vai se firmar para tecer o seu julgamento.

A Bíblia diz que o homem que não tem o Espírito Santo e que não teve os seus olhos abertos por Deus está cego e sem entendimento algum sobre as questões espirituais. A justiça do mundo tem um padrão muito inferior ao padrão de Deus e é nesse padrão inferior que o juiz incrédulo julgará. Sendo assim, a compreensão da tua causa pode ser entendida pelo avesso e a tua razão pode ser dada a quem não tem a razão. Quem se arrisca corre o risco de levar prejuízos e sofrer injustiças nas mãos de um juiz que não conhece a Deus.

A forma indicada por Paulo é que ao ter uma causa contra alguém, seja crente ou incrédulo, o melhor a se fazer é expor essa causa diante das autoridades eclesiásticas ou mesmo diante de crentes experientes para que analisem a causa sob o olhar de quem conhece o amor e a justiça de Deus e, assim, possa direcionar a decisão de maneira que ninguém leve prejuízos ou saia prejudicado.

Se a causa é contra o incrédulo, pode ser que ele não aceite os termos e a autoridade do crente que julga, nesse caso é aconselhado levá-lo a julgamento diante da justiça que ele reconhece.

Esse não é o caso de causas entre crentes. Se houver qualquer causa de um crente contra outro crente essa causa deve ser julgada pelos próprios crentes. Não devemos nos expor a julgamentos alheios. Deus nos deu sabedoria e deu-nos o seu Espírito para nos capacitar a decidir corretamente,

por isso é que não devemos correr o risco de sermos prejudicados ao nos expor diante de um juiz incrédulo.

Vamos analisar algumas razões que a igreja tem para não se expor em julgamentos diante de juízes ímpios:

a. O vexame público e o escândalo. O mundo anda à caça de escândalos. Ele se alimenta de escândalos como urubus se alimentam de carniça. Se os crentes não forem cuidadosos darão a eles o que precisam para ainda mais denegrir a imagem de Cristo que deve ser refletida pela igreja.

Em Mateus 13.41,42, Jesus deixou bem claro o seu juízo condenatório sobre as pessoas que promovem escândalos em Sua Igreja. Ele disse: *“Mandaré o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escandalosos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes”*. Não haverá misericórdia para aqueles que frontalmente prejudicarem a Igreja com escândalos.

Em 1ª Coríntios 8.8-13, Paulo discute sobre o mal que faz o comer ou não a carne sacrificada a ídolo. Ele mostra que o ídolo não passa de um pedaço de madeira ou de barro inútil, porém aqueles que sacrificavam animais em adoração davam à essa carne um valor espiritual que na realidade não tinha. Paulo revela que ele e os crentes são totalmente livres para comer o que quiser, mas que, por causa da consciência alheia e para evitar escândalos devem abrir mão de comer estas carnes.

Veja o texto: *“Não é a comida que nos recomenda a Deus, pois nada perderemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos. Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo”*.

Paulo mostra o poder destruidor que o escândalo tem, preferindo ele mesmo mudar de comportamento e abrir mão de um direito que tinha apenas para não ser causa de escândalo. O mesmo ele fez em 2ª Coríntios 6.3,

dizendo que: *“Não desejava dar nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não fosse censurado”*.

Em Lucas 17.1,2, Jesus diz que é melhor morrer do que provocar escândalos para a Sua Igreja: *“Jesus disse aos seus discípulos: É inevitável que venham os escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos”*.

Com toda a certeza o julgamento de um crente contra outro é motivo de escândalo. O nome de Cristo é prejudicado e o Seu Reino é exposto de forma vergonhosa diante do mundo. Por isso é que as causas da Igreja têm de ser julgadas pela Igreja e não provocando escândalos ao serem julgadas por ímpios.

b. Outra razão para a própria Igreja julgar as suas causas é porque: *Problemas de família devem ser resolvidos entre os familiares.*

Todo mundo tem família. Toda família tem as suas brigas internas. Quem nunca presenciou um irmão brigar com outro ou primos deixarem de se falar por algum tempo? Às vezes as discussões esquentam e um indivíduo que a observa logo diz que vai sair briga. Mas não é isso que acontece. O dia passa e logo todos estão assentados ao redor da mesma mesa. Família é assim!

Um ditado popular diz: *“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”*. O casal briga e se estapeia. Discute feio e passa o dia de costas um para o outro. Ao chegar à noite o calor do corpo atrai um ao outro e, logo, logo, ninguém nem se lembra que houve briga. Se alguém de fora se mete nessa briga, é ele quem fica de ruim. Briga de família tem de ser resolvida na família.

A Igreja é uma família formada por indivíduos completamente diferentes um do outro. Cada um tem uma história e uma trajetória diferente trilhada até chegar na igreja e se tornar um entre os demais irmãos. A igreja é formada por pretos e brancos; pobres e ricos; feios e bonitos; instruídos e analfabetos. Uns vieram de famílias nobres enquanto outros nem possuíram família. Uns são calmos demais, ao passo que outros são desprovidos de estopim, explodem ao primeiro toque. Uns são sentimentais e outros são secos e duros. Numa diversidade assim é impossível que não haja divergências. É certo que mais cedo ou mais tarde um se esbarrará no calcanhar do outro.

Quer ver uma coisa? Reúna tua família por três dias num mesmo local e você verá o que acontece. No primeiro momento serão abraços e beijos por todos os lados. Logo os primeiros problemas surgirão e no final do terceiro dia todos estarão desejosos de se separarem. Acontece que passado pouco tempo todos estarão com saudades da reunião e já planejando a próxima.

Família briga e isso não é anormal e com a igreja não é diferente. Mas como do mesmo modo como você ao ter problema com teu pai, mãe, irmão ou tio não sai por aí fazendo alardes, pelo contrário, fica quieto até que o problema se resolva, assim também as causas entre irmãos crentes devem ser resolvidas. Problemas da Igreja devem ser resolvidos na Igreja.

c. A última razão que daremos para um irmão não ir a julgamento contra outro perante a justiça comum é que O povo de Deus sempre julgou a si mesmo por ordem de Deus.

Sempre foi da vontade de Deus que o seu povo se julgasse. Deus levantou líderes e chamou juízes para julgar o povo. Preparou homens para ocupar cargos de liderança. Deus nunca quis que as causas de Israel fossem julgadas pelos povos pagãos.

Israel foi um “*Tipo*” da Igreja e por isso devemos observar seu comportamento naquilo em que acertaram. Como povo de Deus eles mesmos se julgavam e nós, como povo de Deus, devemos julgar nossas causas, nunca levando um irmão a juízo diante de um tribunal da justiça comum, mas trazendo-o a juízo diante do povo de Deus e diante das autoridades da Igreja, pois é isso que a Bíblia nos ensina a fazer.

Se deputados e militares não permitem que seus membros sejam julgados por pessoas de fora, antes fazem o próprio julgamento para julgar corretamente e manter a credibilidade de sua categoria, muito mais cuidado devemos ter nós, os crentes, em não destruir a credibilidade que os crentes devem ter como povo que representa o próprio Deus e o Seu Reino.

Dissemos que os crentes não devem ser julgados por juízes incrédulos. Agora mostraremos que a razão para não nos submetermos ao juízo deles é porque **OS CRENTES JULGARÃO O MUNDO** – “*Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?*”

No estudo passado um de nossos argumentos foi que “*Não é tarefa da Igreja julgar os incrédulos*”. Agora esse argumento parece jogar toda a nossa

argumentação passada por terra. Parece, mas não é. Mostramos que a Igreja não tem a tarefa de julgar o mundo e condená-lo por seus pecados do presente, mas sim, que sua tarefa atual é evangelizar o mundo. Não nos cabe ficar apontando os erros e as falhas dos incrédulos, mas nos cabe mostrar Cristo e sua salvação aos incrédulos para que eles sejam salvos.

No presente argumento estamos estudando que haverá um dia em especial que os crentes participarão do julgamento do mundo. Naquele dia em especial os crentes participarão do jure que vai analisar e condenar aqueles que viraram as costas para Cristo.

Naquele dia nossa posição não será de pregadores, mas de testemunhas de acusação contra o mundo por terem rejeitado o evangelho que um dia lhes pregamos. É por isso que é tão importante que a Igreja cumpra o seu dever evangelístico para que os incrédulos não digam que nunca ouviram de nós o que precisavam ouvir para serem salvos.

Sabemos que o mundo será julgado e condenado por sua rejeição ao Evangelho. Todos quantos riram, viraram as costas, fizeram chacotas ou de alguma forma não deram atenção ao evangelho que lhes estava sendo pregado, naquele dia todos eles estarão diante de Deus e, por sua atitude de desrespeito diante da Palavra de Deus, terão de sofrer a devida punição.

Naquele dia os crentes, que foram os transmissores de sua Palavra de Salvação, que foram envergonhados, criticados e muitas vezes perseguidos, farão parte desse jure como testemunhas de acusação. A presença dos crentes será a prova que fará com que cada um dos condenados veja e se lembre das oportunidades desperdiçadas que Deus colocou diante deles através dos crentes. A Igreja se tornou a voz de Deus no mundo para que o mundo conhecesse a salvação proposta por Ele, voz que muitos rejeitaram.

Nesse dia os crentes estarão lá para servirem de provas vivas de que o evangelho foi anunciado e que as oportunidades foram oferecidas e rejeitadas. Os incrédulos estarão olhando para os crentes enquanto ouvirem a dura palavra condenatória de Jesus: *“Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos”*. Eles ouvirão estas palavras de Jesus e não terão como se justificar pois os mensageiros de Deus, os crentes, estarão lá para mostrar-lhes que a oportunidade de salvação, de fato, um dia lhes foi oferecida.

A parábola do pobre Lázaro e do rico foi um exemplo usado por Jesus para fazer-nos entender o que acontecerá depois do julgamento. Quando os incrédulos, sofrendo por terem sido condenados, rogarem por misericórdia, Jesus lhes dirá: *“Na terra vocês tiveram os pregadores do evangelho, os crentes, que muito se empenharam para se fazer ouvir e vocês nunca deram atenção. Agora é tarde! Os de cá não podem passar para lá e o que estão aí, sofrendo, sofrerão eternamente, porque não deram crédito ao amor que eu lhes demonstrei e fiz ser conhecido pelo mundo inteiro através de minha Igreja. Vocês não aceitaram as minhas oportunidades através dos meus mensageiros, agora o que lhes resta é sofrer, tendo consciência que sua condenação foi por culpa vossa e não minha. Afinal de contas quem pecou e depois rejeitou a salvação que eu ofereci foram vocês, e não eu”*.

Um dia Jesus questionou os seus discípulos sobre quem as pessoas estavam dizendo que Ele era. Eles disseram: *“Uns dizem que é João Batista; outros dizem que é Elias; e outros, Jeremias ou algum dos profetas”*. Diante destas palavras Jesus, novamente os questionou: *“E, vós, quem dizeis que sou? Pedro logo lhe disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”*. Jesus disse a Pedro que ele era um *“bem-aventurado”* por ter certeza daquela palavra que acabara de falar. Disse também que a declaração de fé: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”*, seria a pedra que edificaria a Sua Igreja. A Igreja de Jesus é fundamentada na fé em Cristo (Mateus 16.13-20).

O evangelho é a chave que abre o Céus e é a mesma chave que o fecha. A mensagem de salvação que pregamos é a chave que abre o Céu para aqueles que ouvem e creem nela. Porém a mesma mensagem do evangelho é a chave que lhes fecha e impede que entrem no Céu quando a ouvem e a rejeitam. Para quem vira as costas à mensagem de salvação não haverá outra chave para lhes abrir a porta que dá acesso ao Céu. Ela é a única!

Fizemos uma digressão para mostrar que quem está na posição de réu não pode julgar o seu juiz. Inicialmente dissemos que os crentes não devem se expor a julgamentos de juízes não crentes e estamos mostrando que os crentes julgarão o mundo. Paulo disse: *“Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?”*

O mundo é réu! O mundo está condenado. Os incrédulos não podem julgar os crentes, pois eles são réus e serão condenados. Somente aceitando a



mensagem que foi confiada aos crentes por Jesus Cristo é que a situação de réu deles pode mudar. Se eles são réus e os crentes em Cristo são quem um dia os julgará, então não podemos nos submeter aos seus julgamentos. Como somos seus juízes não podemos nos expor ao seu julgamento.

Em Efésios 2.12, Paulo diz que o mundo *“Está sem Cristo, separado da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo”*. Essa é a situação do mundo. Eles não têm nenhuma esperança. A chave do céu está em nossas mãos e nos foi confiada pelo próprio Salvador. Isto é inquestionável.

Hebreus 7.7, diz: *“Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior”*. Do mesmo modo como o inferior é abençoado pelo superior, também o inferior é julgado pelo superior e não o contrário. Se Deus nos colocou como juízes não podemos nós diminuir-nos a nós mesmos ao nos expormos como réus diante dos condenados.

A Igreja não participará do julgamento dos incrédulos como juízes. No julgamento final haverá apenas um Juiz. Romanos 2.16, diz: *“No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho”*. Há um único juiz. O único que tem a dignidade, a pureza, a santidade, a capacidade e a autoridade para dar o veredicto final. O único Ser que deu o seu precioso sangue é quem julgará o mundo. Só Jesus é o Juiz.

Como já dissemos, o nosso papel no julgamento dos incrédulos é de testemunhas de acusação, e isso se tivermos sido obedientes à ordem de Jesus, no sentido de servos seus evangelistas e proclamadores da Sua mensagem de salvação. Caso contrário, estaremos diante dEle também como réus por termos sido desobedientes às Suas ordens.

Dissemos que os crentes não devem ser julgados por juízes não crentes e também, que os crentes julgarão o mundo. Mostraremos agora que **DEIXAR-SE SER JULGADO PELO MUNDO É UMA INDIGNIDADE PARA OS CRENTES** - *“Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!”*

Imaginemos uma cena como esta: O marido crente chega em casa cansado, depois de um dia duro de trabalho. A esposa crente está em casa

cansada dos afazeres domésticos. Por uma razão qualquer começa uma discussão e os dois se deixam levar pela emoção e ultrapassam os seus limites. Brigam feio. Os gritos são ouvidos da rua e a discussão fica a cada momento mais quente. Os vizinhos se movimentam, curiosos. Eles adoram uma baixaria, principalmente se crentes estiverem envolvidos.

O comentário é geral, todos falam do casal. Lá dentro, alguns objetos caem e fazem barulho. Logo alguém não se segura mais e chama a polícia. Gritos, escândalo e polícia na porta de casa – Que situação! Quer algo mais indigno do que isto para um casal cristão? Sua vida íntima e seus problemas expostos diante de ímpios que passam pela rua. Pessoas descomprometidas com qualquer coisa que lembre a moral e a ética cristã. Todos eles, ao comentar o acontecido, tornam-se juízes e a briga do casal crente se transforma num espetáculo vergonhoso e desnecessário.

O que você acha de um marido que, após brigar com a esposa conta todo acontecido ao primeiro que aparece? Ao entrar no ônibus comenta o que aconteceu em sua casa com o motorista e com o cobrador do ônibus. Conta detalhes de sua vida íntima e de suas brigas para pessoas que não tem nada a ver com o casal. Que conselho esse homem espera receber do digníssimo motorista de ônibus e de tantos outros que ouvem sua história? Será que essas pessoas estão capacitadas a aconselhá-lo?

Qualquer tipo de briga e discussão, seja entre um casal cristão ou membros da Igreja, são absolutamente inaceitáveis. As brigas separam as pessoas, não resolvem absolutamente nada, causam mais brigas e mais problemas.

Ao contrário das brigas o que se aconselha a todos é que haja diálogo. O diálogo prudente e honesto expõe a questão como ela é e busca saídas viáveis para os dois lados. Uma vez tendo orado, conversado calmamente sobre o problema e buscado as soluções necessárias, as pessoas envolvidas se unirão para juntas resolverem o problema.

Estamos dizendo que deixar-se ser julgado pelo mundo é uma indignidade para os crentes. Paulo termina dizendo: *“Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!”*

Primeiro Paulo chama a atenção para a posição superior do servo de Deus em relação aos incrédulos: “O mundo será julgado por vós”.

Mostra que o servo fiel do Senhor é exaltado por Deus a uma posição superior, especial e honrosa. Deus nos usará em seu julgamento contra o mundo. Essa é uma situação especial que deve levar o crente a se sentir útil e honrado. Isso não é para nos fazer orgulhosos, mas sim nos fazer responsáveis.

Logo depois ele cobra uma atitude dos crentes: “Sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas?” Dificilmente haverá entre crentes pessoas que sejam capazes de cometer crimes hediondos. Quais as questões mais sérias que encontramos entre os membros da Igreja? A maioria das questões são facilmente resolvidas quando há bom senso e há amor a Deus e ao próximo. Amor a Deus e ao próximo e também bom senso são itens necessários a todos aqueles que dizem ser crentes. Se estamos tratando com filhos de Deus e pessoas nascidas de novo é desnecessário levar as questões internas à justiça comum.

Por que um crente vai à juízo contra outro crente se sua causa é “mínima” e pode ser facilmente resolvida com diálogo e usando-se a sabedoria recebida de Deus? Basta que ambos se disponham a resolver o problema. Com certeza o próprio Deus os honrará com a sabedoria que necessitam para encontrar uma saída justa e honrada para o caso.

Paulo dá ainda outro argumento para despertar o senso da dignidade nos crentes – Julgaremos os anjos. Ele diz: “Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!”

Nós vamos julgar os anjos? É o que a Bíblia diz, não é? Como será nossa participação nesse julgamento? O caso é o mesmo que o julgamento dos incrédulos.

Vamos analisar a situação dos anjos que serão julgados. Eles estavam no céu, na presença augusta de Deus, no lugar mais belo e desejável do universo, servindo ao Deus Todo-poderoso. No entanto eles rejeitaram a Deus e seguiram a outro anjo – Lúcifer.

Desejaram ter mais do que Deus lhes dava. Foram orgulhosos e pecaram contra Deus. Depois de agirem assim eles foram expulsos dos céus e

passaram a viver no nosso mundo como demônios. Continuaram servindo a Lúcifer e gastam o seu tempo tentando destruir aos que servem a Deus.

Paulo diz que *“Havemos de julgar os próprios anjos”*. Vamos analisar agora a situação dos homens que se tornaram servos de Deus. Éramos mortos, sem entendimento, sem esperança e estávamos perdidos. Nossa natureza caída nos impulsiona cada vez mais para o abismo. Num determinado momento de nossa vida nós ouvimos o evangelho, nos entregamos a Cristo como nosso Salvador e abandonamos o mundo. Passamos a depender dEle e cremos que o que Ele fez na Sua vida e morte nos garante a salvação. Passamos a ser Seus servos e buscamos fazer apenas o que Lhe agrada. Nossa vontade é diariamente submetida à Sua.

Por esta causa, um dia, Deus nos usará no julgamento dos anjos, pois eles tinham tudo e desprezaram. Nós, não tínhamos nada e nos apegamos à salvação que nos foi dada.

Como no julgamento dos homens, no julgamento dos anjos agiremos como testemunhas de acusação. Seremos expostos por Deus como bons exemplos. Deus mostrará que o lixo, que éramos, se transformou num tesouro, quando entregues nas Suas mãos. Os anjos serão condenados porque eram tesouros de Deus, se rebelaram, foram condenados, e nunca buscaram uma retratação e o perdão de Deus. O tesouro virou lixo.

Por isso é que homens julgarão anjos, pois apesar de sermos pecadores nós fazemos o que Deus espera que os pecadores façam: Humilhamo-nos diante dEle, pedimos perdão e confiamos na Sua salvação. Os anjos caídos nunca fizeram isso e por isso serão condenados.

Diante disto tudo, fica claro que é indigno para um crente deixar-se ser julgado por juízes ímpios. Julga-te e, se necessário, deixe que servos do Senhor façam seu julgamento. Isso é digno para um servo de Deus.

Nosso tema foi: **OS CRENTES E A JUSTIÇA COMUM.**

Mostramos que:

1. **OS CRENTES NÃO DEVEM SER JULGADOS POR JUÍZES NÃO CRENTES** – *“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos?”*

II. **OS CRENTES JULGARÃO O MUNDO** – *“Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?”*

III. **DEIXAR-SE SER JULGADO PELO MUNDO É UMA INDIGNIDADE PARA OS CRENTES** - *“Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!”*

Lembra-te: você está sendo treinado por Deus para julgar o mundo e os anjos. Que Deus te abençoe e te faça viver dignamente, para que um dia você possa julgar anjos e homens por ter sido um bom exemplo de fidelidade a Deus.